

RESUMO

Este texto foi escrito durante as atividades letivas da disciplina de disciplina das Indústrias, em meados de 1999, na Universidade Federal do Ceará. A intenção foi tratar das metamorfoses espaciais ocorridas entre o medievo e a modernidade.

ABSTRACT

This text was written during the school activities in the discipline geography of industries in the early 1999, at Federal University of Ceará. The intention was deal with the space metamorphosis occurred between the medieval and the modern.

Introdução

Há um oceano imenso de novas terminologias acerca das coisas e um mar de coisas novas que reclamam ser nomeadas. A realidade exige um novo vocabulário e cria outros significados para as antigas palavras. A palavra espaço, que antes era para muitos um vocábulo que podia ser dispensado pelas Ciências Sociais, adquire agora foros de imensa complexidade e aparece composto de um arsenal de idéias novas.

Os termos são muitos e distintos. Espaço amplo, espaços outros, espaço profundo, compressão espaço-temporal. Ao ponto de as Ciências Sociais se verem, de algum modo, forçadas a visualizar esse espaço não mais como o espelho do lago em que a sociedade narcisicamente se refletia, um espaço físico que nas mais das vezes sequer conseguia ser espelho e que desde o alvorecer da sociedade foi tratado como o fundo de uma tela sobre o qual a vida deveria ser pintada.

As dimensões físicas da terra não foram modificadas, o nosso espelho de água não se tornou maior nem menor do que era, qual foi então milagre ou os milagres? O que a humanidade espacialmente fez a si, para além dos encurtamento físicos e novos dimensionamentos geométricos, foi descobrir-se espacialmente a si mesma. Não talvez porque necessariamente o quisesse, mas porque o espaço se tornou um problema e como tal passou a exigir a atenção que até então não havia merecido.

Em outras palavras, foi o trato com essa nova realidade espacial que exigiu uma espacialização teórica dessa realidade. A verdade, então, exigiu um testemunho espacial, para além das reflexões sócio-históricas que explicavam a vida toda. A vida toda deixou de realizar-se como se o espaço geográfico fosse um vazio a ser preenchido, a exemplo do filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Wood Allen.

E por que me lembro agora de Wood Allen? Porque Allen cria um filme dentro de outro, uma história dentro da outra, um espaço dentro de outro. E como faz isso? Espacializando diferentemente a profundidade da tela em que a trama de atores sem vontade se passa. Qual a metáfora? A personagem que deveria repetir sempre as mesmas ações se rebela contra o

¹ Mestre em Geografia. Professor da Universidade Federal do Ceará

roteiro e se apaixonou pela fã e salta da sua condição virtual para a vida e virtualiza o que é aparentemente real: *a vida fora da tela agora é o próprio filme*.

A vida além do filme requer para o espaço outro trato subjetivo e novas elaborações teóricas. Subjetivo porque não basta mais, como não bastou nunca, pensar a partir da racionalidade instrumental locacional, que sempre viu o espaço como vazio, a folha branca sobre a qual se deveria distribuir pequenos e grandes objetos. Novas elaborações teóricas porque as personagens que estavam projetadas na tela ganharam dimensão social e são eles, e não os iluminados, que estão a exigir que a teoria os perceba espacialmente.

A verdade agora exige espaço. E seria tolo querer afirmar que fui o primeiro a dizer isso, quando o mesmo fora dito por um medievalista famoso como Jaques Le Goff: “filha do tempo, a verdade o é também do espaço geográfico” (1995, 25), ainda mais porque Santo Agostinho, muito antes que o medievalista francês dissesse qualquer coisa, pronunciou essas palavras:

“...porventura considerai que uma cidade é feita de pedras e paredes? A cidade são os homens e não as casas! Se Deus tivesse dito aos habitantes de Sodoma: ‘Fugi, pois vou incendiar este lugar’, não lhe atribuiríamos mais mérito se fugissem e o fogo do céu destrísse somente suas muralhas e suas casas? Não teria Deus poupado a cidade, se os cidadãos tivessem escapado aos efeitos devastadores daquele fogo?” (LAUNAD, 1996,26).

A cidade de que fala Agostinho é Roma, incendiada para que Nero pudesse compor uma obra com sua harpa. As cidades pelas quais a humanidade já passou, são muitas, só o nome lhes é comum, suas espacialidades geográficas não. Claro que algumas cidades são como palimpsestos e é possível lhes observar as muitas camadas que fremem diante da cidade atual, o que faz da cidade presente diversas outras cidades que não ela mesma.

Entretanto, esse início, quiçá longo, é para anunciar um exercício que gostaria de ter executado muitas outras vezes, mas nem sempre pude fazê-lo e nem sempre me dispus a fazê-lo, questão de tempo, questões de tempo. Porque ao tempo o que é do tempo, seria um pecado não historicizar o espaço, tanto quanto o é não espacializar a história.

Caso estivesse agora a escrever um romance sobre o medieval, seria obrigado a usar três referenciais fundantes: as personagens, o período em que a história se desenrola e o espaço geográfico que permite situá-la e dimensioná-la. Com efeito, se fosse um romance moderno, eu haveria de privilegiar o tempo, como isso não é um romance e tão pouco sou historiador, interessa aqui compreender a espacialidade medieval, como parte de uma primeira e tímida aproximação.

A espacialidade fragmentada

A descentralização do poder e a descontinuidade dos limites territoriais são uma marca medieval. Cada feudo é para si um mundo, ao ponto de muitos medievos jamais terem em suas vidas conhecido algo para além dos campos de cultivo ou da casa do senhor. E esse espaço geográfico feudal que é tudo aparece como a representação do mundo todo, fora de um feudo o que poderia ser diferente dele? Nas mais das vezes apenas o senhor, quando esse não era poderoso ao ponto de possuir muitas terras espalhadas mundo a fora.

Além disso, os campos de cultivo eram descontínuos e essa descontinuidade que se fazia acompanhar por ciclos de cultivo tinha uma marcação temporal que era a da própria natureza. O espaço medieval, assim como o tempo e a natureza, é um espaço da repetição eterna de um ciclo que parece não ter fim. Um ciclo que, fechado sobre si mesmo, enfeixa os medievos em seus feudos.

É evidente que há circulação ainda que tímida, claro, não a livre circulação dos servos, o direito de ir e vir para esses estava restrito aos limites espaciais imediatos de realização da sua própria vida. Então quem circula? Os que não são servos. Predominantemente os homens que conseguiram se libertar do aprisionamento da terra, dos nobres e do clero. E ainda,

é claro, os senhores e os homens de hábito da Santa Madre Igreja.

E é essa fruição, marcada inicialmente por um *espaço lento*, que fará as idéias circulararem, junto com novidades, com imagens de outros lugares, com outros rostos, com as notícias de Marco Polo e os domínios do grande Khan, como nas Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino.

“Marco Polo descreve uma ponte pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas conformam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem as pedras o arco não existe” (1994, 79).

E assim os lugares serão costurados e sobre eles se fará a representação dos caminhos e os caminhos se farão representar primeiro na mente dos viajantes e depois em superfícies de materiais diversos. A Geografia então, dessa época, será eminentemente *corográfica* – por descrever os lugares, e *matemática* – por estabelecer medidas, dimensões, localizações e representações imagéticas e numéricas do mundo.

E virão do leste, além dos ventos, os inventos e suas maravilhas, e outros espaços geográficos que não o pequeno mundo medieval, um mundo que é preciso conhecer.

Os espaços geográficos se transmutam nas relações sociais e eis que, a espacialidade, começa a ganhar novos valores, para perder a fixidez do feudo e adquirir a mobilidade da cidade, por isso a cidade se apresenta em um primeiro momento como a liberdade, porque ela não possui as peias espaciais do feudo, a cidade é então nas histórias que se conta nas feiras a expressão espacial do movimento. Pela cidade passam as cargas vindas sobre o lombo dos animais, as pessoas chegam e partem da cidade e a cidade portanto não para, a cidade se move.

A cidade que se move, entretanto, é o mesmo espaço que concentra. E assim, na cidade, tudo acontece com outra velocidade, porque há um outro ritmo. E quando aparece a cidade é possível ver o campo, porque há novos objetos que evidenciam o que faz esse novo espaço geográfico existir para si e fora de si.

E as casas dispersas do campo estarão agrupadas na cidade. Os materiais que compõem a choupana dos camponeses será diferente daqueles que conformam as casas dos mestres de ofício, seja na estrutura mesma que as conforma, seja nas tintas que colorem suas paredes, seja nas janelas que se abrem com mercadorias para o mundo.

Assim, enquanto naquele mundo até então desconhecido que passou a se chamar depois de América por causa de um certo Vespúcio, mais de um Cortez atravessa o ventre de Incas, Maias e Astecas com a lâmina fria de suas espadas ou o calor do chumbo de suas armas. Ao mesmo tempo na Europa os campos antes abertos são vivamente cercados por heras e delas é retirado à força o camponês, camponês que até então estava preso à terra.

O camponês perde tudo e, sem lar nem pão, como já dissera Marx, se encaminha para a cidade, onde se concentram agora a miséria e a riqueza, os descendentes dos Médices de Florença e os herdeiros dos mendigos de Veneza. As terras antes ocupadas com policulturas enchem-se agora de monoculturas de pasto, de ovelhas, que, por sua vez, enchem os teares de um novo sistema concentrador da produção, conhecido como fabril.

E a terra então aberta, à qual se tinha acesso por intermédio de uma série de obrigações e prestação de serviços, passa agora, como tudo mais nesse espaço geográfico em transição, a ter um preço e ser inacessível àqueles que não possuem o suficiente para comprá-la e mantê-la. E então as terras passam a ser esquadrihadas em lotes, juntas e continuadas, dando origem ao latifúndio tal como nós o conhecemos hoje e em vez de alimentos, as terras produzirão mercadorias e tornar-se-ão bens dos quais se deve extrair sempre uma maior renda.

As paisagens modificam-se brutalmente, onde antes havia campos de trigo em

consórcio com videiras e diversas outras culturas, agora há um mar de pastos e ovelhas. E assim, onde mesmo dispersas havia centenas ou milhares de casas, agora contar-se-á no máximo algumas dezenas delas e pessoas, milhões no meio das estradas, entre a expulsão do campo e a mendicância da cidade.

Para a glória do mercado acabar-se-á esse espaço fragmentado das relações de suserania e vassalagem e a figura do Rei entroniza a emergência de novas fronteiras territoriais, agora nacionais, e mulheres e homens passam, na sua maioria como miseráveis, à condição de cidadãos de um país, que terá para além do Rei uma língua comum, uma história comum e um território comum.

E é claro, ao mesmo tempo mudam as cosmogonias e a terra, ptolomaicamente plana, cercada de monstros e abismos, centro do universo, será modificada pelas idéias de alguns homens e a coragem dos argonautas. E sobre esse planeta redescoberto, a humanidade passara a ter uma outra visão, como no poema de Lúcio Lins:

Terra à Vista

eras na terra
que eras
esta argamassa
se tornando forma
dentro da forma
azulada
até que de forma
arredondada
te descobrem
pedra
a ser navegada

te descobrem
terra
a ser separada
 as pedras
 dos Pêros
 das pedras
 dos Vaz
e Portugal e Espanha
com suas velas em cio
brincam de terra à vista
por seus ibéricos quintais.

Ou ainda como em um dos trechos de Mar Português de Fernando Pessoa

Horizonte

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o Mistério,
Abria em flor o longe, e o Sul siderio
Esplendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa –
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta

Em árvores onde o longe nada tinha;

Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,

Onde era só de longe a abstrata linha.

Claro, buscavam-se ouro e prata e árvores da cor de sangue, e as linhas dos mapas novos se desenham oeste a dentro, por suas novas possibilidades imaginárias de demarcar novas possessões e cemitérios para todos os que ousassem se contrapor a essa nova espacialização geográfica, que valora o espaço a partir das suas possibilidades de troca.

E o mundo, pasmem, mundializa-se e a terra, arredondadamente, gira em torno do Sol e dentro de uma órbita e como se compusesse uma partitura mecânica celeste – agora a bola azul é toda ela repartida por paralelos e meridianos, cercas e preços, cidades superpovoadas e lugares fantasmas.

E a exemplo da Física mecânica moderna, gira a indústria, onipresente, para além das produções familiares, artesanais, domésticas e ela passa, a indústria, a afastar as pessoas da luz do sol e a encaixotá-las monofuncionalmente em galpões lúgubres e enormes, para definharem e serem mutilados – os antigos camponeses “libertos” de seus lares e posses

O espaço então, a exemplo do tempo, torna-se um espaço marcado, um espaço que expressa cada vez mais a complexa tessitura dessa nova divisão territorial do trabalho. E a quem cabe pensar geograficamente esse mundo se não formos nós que aqui estamos, antes que ele nos engula, a todos, com seus esfingéticos enigmas?

Referências Bibliográficas

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

LAUNAD, L. Jean. (Org.) *Cultura e Organização na Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.

LINS, Lúcio. *Perdidos Astrolábios*. João Pessoa, Editora da UFPB, 1999.